

Entenda o MTG,
que esta por trás
de vários sucessos

PÁGINA 3



Animações em
alta nas telonas
mundo afora

PÁGINA 5



Cia Talvez, do
Equador, em
temporada carioca

PÁGINA 7



2º

CADERNO

Biografia de
Miriam Batucada,
sambista apagada
da música, resgata
sua obra

Por Adson Dutra (Folhapress)

Uma história incompleta

Fotos/Divulgação

Miriam Batucada fez muito sucesso nos anos 1960 e 1970. A cantora de samba surgiu no auge dos festivais de música da TV Record e se firmou com uma imagem andrógina. Morreu aos 47 anos, de infarto fulminante, em completo ostracismo. O corpo foi encontrado em seu apartamento, 20 dias após a morte.

Figura marcante, Miriam era um produto da TV, mídia que foi crucial para a construção de sua carreira. Participou de júris de programas de calouros, de esquetes dos Trapalhões, novelas e programas musicais. Conquistou público e reconhecimento no meio musical, mas o sucesso durou pouco.

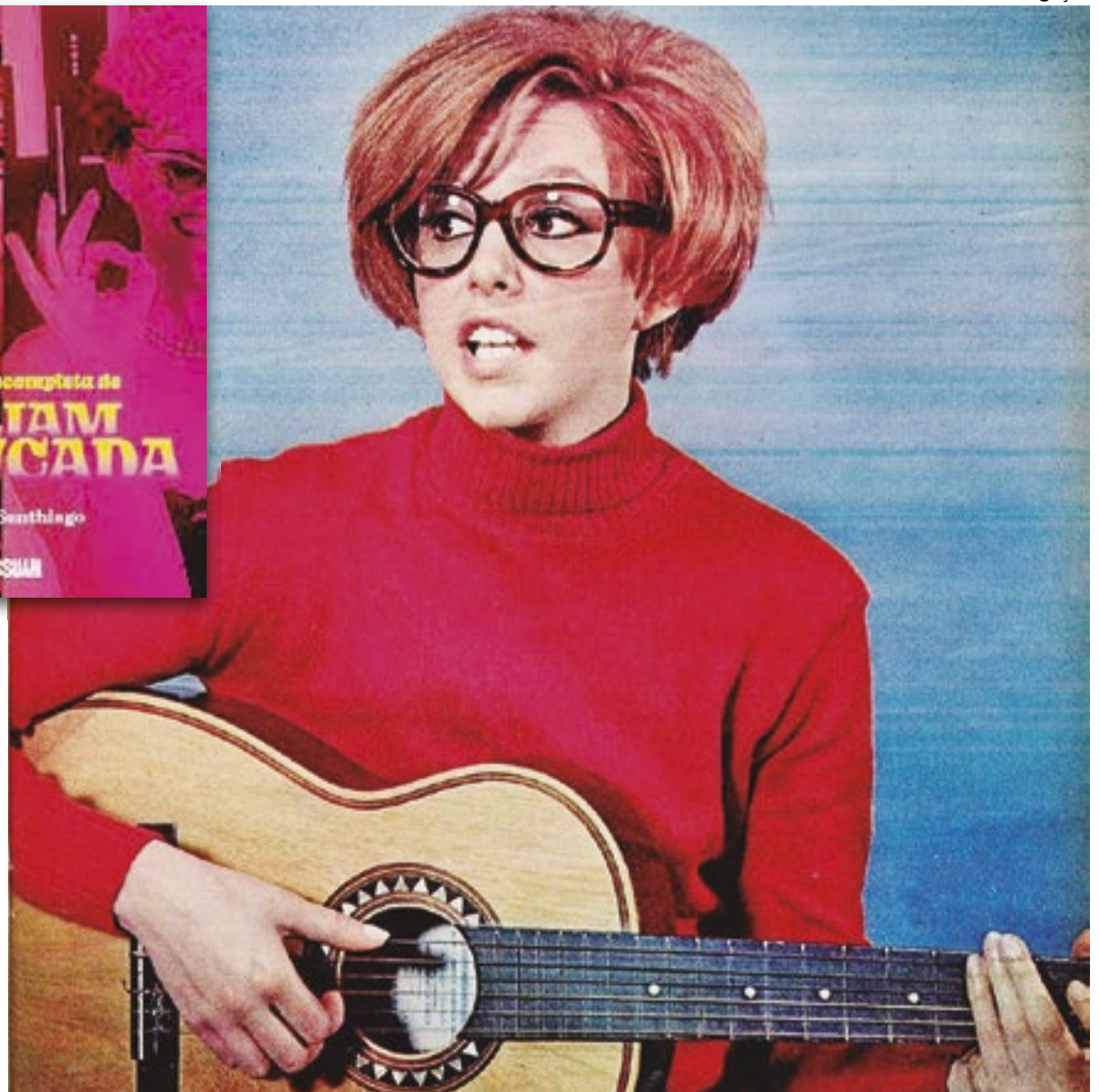
Agora, a vida cheia de altos e baixos dessa artista singular está contada em “A História Incompleta de Miriam Batucada”, um livro de quase 400 páginas, acompanhado de um disco póstumo que faz justiça à sua obra. São 18 faixas com músicas compostas pela própria Miriam e interpretadas por artistas como Zeca Baleiro, Maria Alcina, Bluebell e Paula Sanches.

“A história incompleta é uma maneira de resgatar esse fim trágico e imaginar um futuro diferente para uma artista tão talentosa e genial no palco, mas que teve poucas oportunidades de expressar essa genialidade em vida, devido à sua morte precoce”, afirma o autor do livro, Ricardo Santhiago.

Continua na página seguinte



Miriam Batucada tem sua obra resgatada em biografia produzida pelo pesquisador Ricardo Santhiago



A transgressão como marca registrada

Acervo pessoal

Doutor em História Social pela USP, Ricardo Santhiago descreve a artista como uma mulher, lésbica, possivelmente bipolar, cantora, compositora, ritmista e comedianta. Nascida no bairro da Mooca, em São Paulo, de uma família de origem italiana, Miriam se apresentava de maneira transgressora para os padrões da época. Raramente usava vestidos, preferia ternos, calças e suéteres, mesclando o visual ditado culturalmente e socialmente como feminino e masculino.

Embora a artista nunca tenha recebido algum diagnóstico sobre sua saúde mental, o autor diz que na memória dos amigos com quem conviveu, Miriam tinha as características de uma pessoa bipolar.

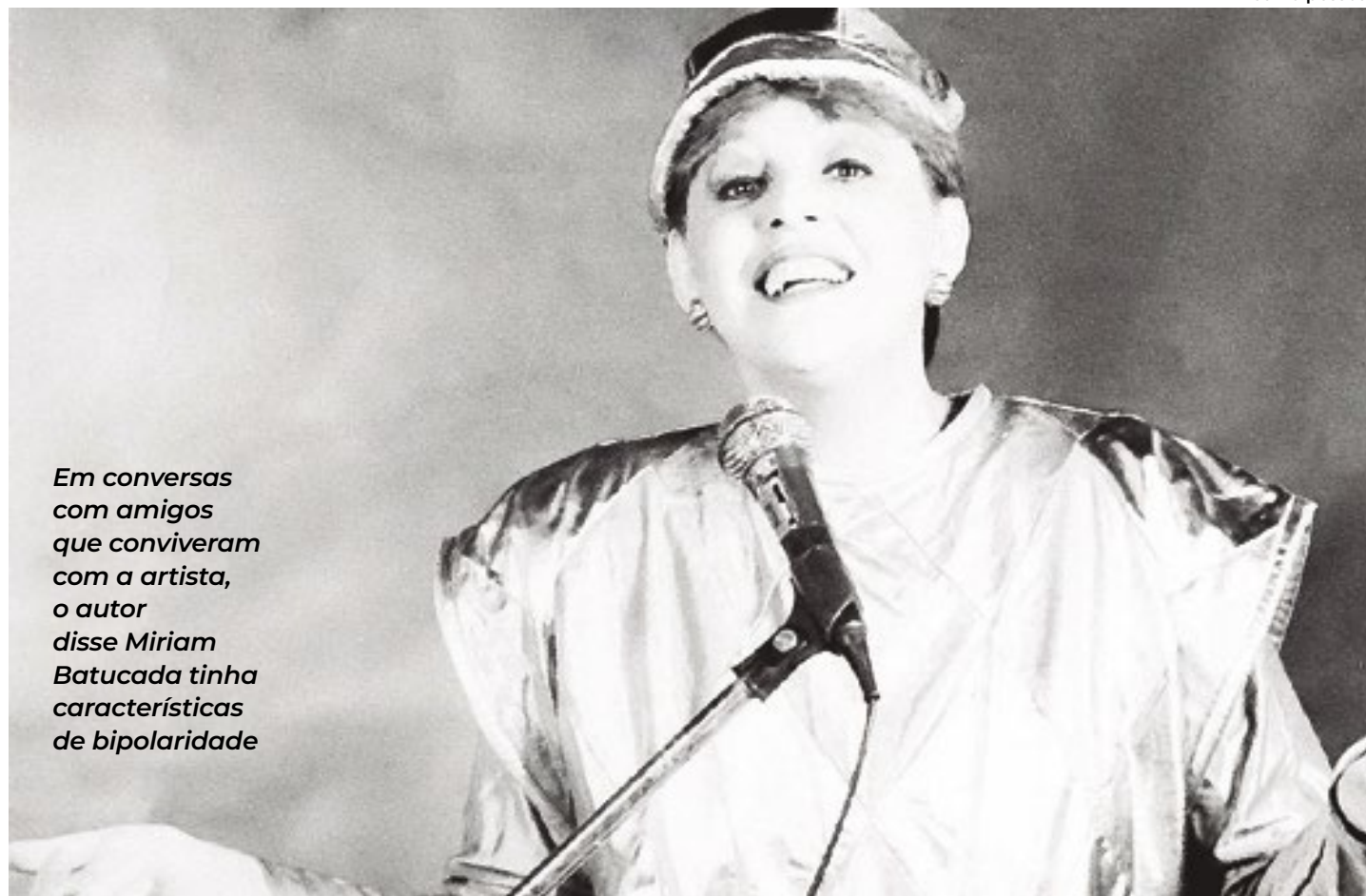
Se cantoras abertamente LGBTs como Mart'nália, Ana Carolina e Zélia Duncan são uma realidade na música popular brasileira hoje, eram uma raridade nos anos 1960 e 1970.

Quando questionada sobre sua vida amorosa e privada, Miriam costumava dizer que se interessava por “pessoas”, ou que era “tão homossexual quanto todo mundo”. Esse foi o modo que encontrou para se afirmar em um país conservador, que não discutia diversidade e sexualidade na mídia.

“Não tenho a menor dúvida de que o apagamento que Miriam sofreu teve a ver com sua orientação sexual. Gosto de falar em apagamento, mais do que em esquecimento - foi um processo ativo. Miriam nunca falou abertamente sobre sua homossexualidade, mas nunca negou ser homossexual”, diz Santhiago.

Miriam Batucada deixou dois discos solo, alguns compactos e uma participação em um disco de Raul Seixas. Era uma artista de palco, conhecida por suas apresentações ao vivo. Seus shows eram roteirizados, com piadas, espetáculos multimídia, sambas, batucadas (sua marca registrada) e paródias ácidas sobre política e celebridades. Pouco de sua obra sobrou para ser conhecida, devido a falta de oportunidades de gravar produções autorais.

Santhiago utilizou fontes de imprensa, arquivos pessoais e entrevistou 80 pessoas em um extenso trabalho de pesquisa documental



Em conversas com amigos que conviveram com a artista, o autor disse Miriam Batucada tinha características de bipolaridade

“*Não tenho a menor dúvida de que o apagamento que Miriam sofreu teve a ver com sua orientação sexual. Gosto de falar em apagamento, mais do que em esquecimento - foi um processo ativo. Miriam nunca falou abertamente sobre sua homossexualidade, mas nunca negou ser homossexual*”

Ricardo Santhiago

para a elaboração do livro.

Ele descobriu que, nos últimos anos de vida, após sucessivas decepções amorosas que a deixaram magoada, Miriam desistiu de amar e viveu sozinha.

O biógrafo conta que teve dificuldades com algumas fontes para abordar a vida privada de Miriam Batucada. “Lidei com familiares, colegas e namoradas que tiveram uma certa reticência em falar desses assuntos ‘me-

nos nobres’ na trajetória dela.”

Outro fator que, segundo ele, contribuiu para o apagamento da cantora foi sua identidade musical. Miriam não se encaixava em nenhum movimento ou gênero específico, como Jovem Guarda, Bossa Nova ou MPB.

Do ponto de vista midiático, a história de Miriam é uma trajetória de fracasso, de alguém promissor que não alcançou o estrelato. Influenciada por uma namorada, a

artista mudou-se para o Rio de Janeiro, em uma época em que a TV brasileira não tinha abrangência nacional. Ela já havia conquistado espaço em São Paulo, e essa mudança foi decisiva para a queda do seu sucesso.

Um dos pontos altos de sua carreira foi a gravação do disco “Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez”, em 1971, com Raul Seixas, Sérgio Sampaio e Edy Star, um trabalho cultuado pelos fãs de Raul e cercado por várias lendas.

No fim, sua única irmã morava em Maringá, no Paraná. Quando o corpo de Miriam foi encontrado, ela segurava o gancho do telefone. Não conseguiu ligar para sua irmã ou para quem pudesse ajudá-la.

A obra destaca a relevância de Miriam Batucada como uma figura que desafiou normas sociais e culturais de sua época, inspirando futuras gerações de músicos e artistas a expressarem sua identidade de maneira autêntica e corajosa.

A maquininha que fabrica sucessos

O que é MTG, sigla que acompanha hits entre os mais tocados do Brasil

Por Lucas Brêda
Especial para o Correio da Manhã

No último mês, as listas de músicas mais tocadas do Brasil tiveram uma sigla em destaque. O termo “MTG”, uma abreviação de “montagem”, acompanha o título de “Quem Não Quer Sou Eu”, música de Seu Jorge, para designar que se trata de uma outra canção -mas que foi feita a partir da faixa lançada em 2011.

Assinado pelo DJ Topo, a MTG de Seu Jorge, um funk, chegou ao posto de mais ouvida do país no Spotify. E ela não é a única na lista, que também tem “MTG Quero Ver se Você Tem Atitude” - com o samba “Cabide”, de Mart’nália -, “MTG Quero te Encontrar” - com o arrocha “Romance”, de Silvano Salles - e “MTG Forró e Desmantelo” - com o piseiro homônimo de Manim Vaqueiro -, entre outras.

Em comum, todas essas músicas têm batidas eletrônicas minimalistas e são construídas com trechos das canções originais. Mas apesar desse sucesso de massa no streaming ser recente, as montagens são uma tradição no funk que vem desde os anos 1980, no Rio de Janeiro, e ganhou tração em Belo Horizonte,

Com 32 bancos de memória, os MPCs ampliaram a capacidade de produção de canções

“Antigamente, fazíamos medleys ou pot-pourri”, diz Carlos Machado, o DJ Nazz. Além de comandar picapes, ele se notabilizou por trazer discos e equipamentos de som do exterior -material que moldou a sonoridade do funk no Rio.

Esses medleys eram feitos de forma artesanal, ele diz, usando dois gravadores e cortando e emendando fitas - primeiro, as cassete, e depois as de rolo.

“Você cortava um pedaço da música e ou dobrava, se quisesse estender, ou colava um trecho de outra música. Com dois gravadores, você podia botar uma base instrumental em um deles

na última década.

e ir gravando pedaços de outras músicas no outro.”

O processo era penoso, e não podia ser feito ao vivo. Mudou quando Machado viu um mixer “bonito, cheio de botão” em uma loja na Oitava Avenida, em Nova York.

“Perguntei ao vendedor para que servia, e ele disse que ‘sampleia’. Nunca tinha visto aquilo. Tinha quatro bancos de memória e era muito caro.”

O mixer é usado por DJs para mesclar sons de diferentes fontes - computadores, toca-discos, microfones. O modelo trazido por Machado, da marca Numark, era caro demais, mas não demorou até

que ele achasse outro por menos da metade do preço, da Gemini.

“O Gemini é o mixer das montagens, porque custava muito menos. A gente trazia de longe, uns dois por viagem, mas todo mundo comprou.”

A chegada desse equipamento mudou os bailes. “O DJ pôde transformar aquilo que se fazia artesanalmente numa performance alucinante nos bailes - as montagens”, diz Machado. “Descobri a tecnologia e trouxe ao Brasil, democratizei. Depois, vieram os protagonistas das montagens.”

Já entre as décadas de 1990 e 2000, outro equipamento abriu

possibilidades para os DJs - as MPCs, ou midi center production. Com 32, em vez de quatro bancos de memória, o cardápio de samples e batidas se multiplicou.

Há dezenas de montagens famosas dessa época, algumas destacando músicas gringas - caso de “Montagem do Sax”, que reproduz o sax de “Your Latest Trick”, do Dire Straits -, outras com trechos de canções nacionais - como “Montagem do Parapapa”, com “Rap das Armas”, de Cidinho e Doca.

Isso sem contar as montagens que utilizam diálogos de desenhos animados ou programas de TV. Há montagens do Pinóquio, dos Power Rangers e da Chapeuzinho Vermelho e de animais - como a do boi -, entre outras.



Reprodução

CORREIO CULTURAL

Adriano Vizoni/Folhapress



Paul durante show da última turnê no Brasil

Paul McCartney anuncia dois shows no país em outubro

Logo após lotar oito shows pelo Brasil em 2023, Paul McCartney acaba de anunciar que vai voltar ao país em outubro com sua turnê "Got Back". O músico se apresenta em São Paulo no dia 15, no Allianz Parque, e em Florianópolis no dia 19, no Estádio da Ressacada.

Além do Brasil, o músico aproveita a vinda à Améri-

ca para se apresentar também em Argentina, Chile, Uruguai, Peru e México. Fãs cadastrados poderão participar da pré-venda online dos ingressos, que começa nesta terça-feira, a partir das 10h. A venda para o público geral começa no dia seguinte, ao 12h. As entradas serão comercializadas pela plataforma Eventim.

Na atividade

Boninho iniciou as seletivas para o BBB 25 na manhã desta segunda (24). O diretor do reality show compartilhou um vídeo embarcando rumo a Curitiba para dar início às entrevistas com os aspirantes a participar da próxima edição do programa.

Luto no cinema

O ator Tamayo Perry, conhecido por seu papel em "Piratas do Caribe: Navegando em Águas Misteriosas", morreu no domingo, após ser atacado por um tubarão no Havaí, nos Estados Unidos. O corpo do ator foi encontrado em Honolulu (Havaí).

Reservado

Cauã Reymond estará no remake de "Vale Tudo", que a Globo prepara para ir ao ar logo após "Mania de Você", que substituirá "Renascer" na faixa das 21h, a partir de setembro. O ator já está reservado pelo departamento de dramaturgia.

Luto no cinema II

Perry foi resgatado já morto por paramédicos, que carregaram seu corpo. Além de ator, o ator de 49 anos também era salva-vidas e surfista experiente. De acordo com a imprensa dos EUA, quando foi atacado, ele surfava próximo à ilha de Oahu.

Divulgação



A diretora Rosa Melo e equipe durante a gravação da série Brasil Visual

Um novo olhar sobre o audiovisual

Série 'Brasil Virtual' estreia segunda temporada no canal Curta!

Como os acontecimentos ocorridos nos últimos anos impactaram as artes visuais brasileiras? Este é o recorte da série "Brasil Visual", dirigida por Rosa Melo, que estreia nesta terça-feira (25), às 20h30, no canal Curta! Partindo das artes visuais, a série aborda temas que impactaram toda a sociedade, como a pandemia de COVID-19, as manifestações que tomaram o país, a inteligência artificial, passando por temas como espiritualidade, a dualidade do mundo dos vivos e dos mortos, entre outros.

"Esse projeto fala sobre a vida através da arte, mostrando um pouco como a produção artística foi atravessada por questões tão importantes do nosso cotidiano", afirma Rosa Melo, diretora-geral da série, que tem codireção de Lia Letícia e realização de Rosa Melo Produções Artísticas e AC Produções, BRDE, Ancine, FSA e Secretaria de cultura e economia criativa do Rio de Janeiro através da Lei Paulo Gustavo.

Com treze episódios, com duração de 26 minutos cada, "Brasil

Visual" traz entrevistas com artistas, pesquisadores, povos indígenas, povos de terreiro, entre outros. Dentre os 36 entrevistados, estão artistas contemporâneos e especialistas de todas as regiões do país, incluindo nomes de destaque, como os artistas Cildo Meireles e Rosana Paulino, o curador e artista indígena Denilson Baniwa, a liderança do MSTC, educadora e urbanista Carmen Silva, a curadora, ativista indígena Guarani Sandra Benite, os artistas Lourival Cuquinha, Paulo Paes, Rose Afefé e Novíssimo Edgar, o neurocientista Sidarta Ribeiro, o pedagogo Luiz Rufino, a curadora, pesquisadora e crítica de cinema Kênia Freitas, a autora, educadora e diretora da Redes da Maré Eliana Sousa Silva, o sacerdote, artista e pesquisador de simbologias e mitologias afro-brasileiras Bruno Balthazar, o Alápiní, (sacerdote do culto dos Egunguns) Balbino Daniel de Paula, entre outros.

A série conta com trilha original do coletivo Chelpe Ferro nas vinhetas de abertura, passagem e encerramento e participação especial do artista Cabelo, como entre-

vistador-participante, que vivencia conversas com lideranças sem-teto, ritualizadores da ancestralidade e artistas de universos múltiplos. No mesmo fluxo coletivo que o programa incorpora para seus novos conteúdos, o performer entrevistador abre caminho para a polifonia de vozes que reivindicam seus lugares no tempo histórico em que a série é produzida. Vozes mortas, vozes vivas, humanas, minerais, eletromagnéticas, insubmissas.

"Brasil Visual" será dividida em três eixos temáticos: "Do Invisível, Insubordinações e Distópicos do Presente". Cada episódio será marcado pela abordagem de um tema e o comparecimento de uma coletividade que mantém esse tema vivo, seja nas vozes ancestrais que permeiam as obras em "Do Invisível", nos corpos em luta que constituem o campo de florescimento das criações em Insubordinações ou na arte de desfuncionalizar os comandos da tecnologia contemporânea em "Distópicos do Presente".

Nessa novíssima temporada, as produções artísticas brasileiras são montadas em relação intensiva com o ambiente que cruzam. As obras não ilustram um saber, mas nascem e participam da criação de saberes. Bem como o horizonte da coletividade apresenta-se enquanto um manancial de ideias para o conteúdo do programa, também o modo de produção dos episódios buscou ressoar esse alinhamento plural. Rosa Melo conduziu a direção-geral da temporada para um arranjo de possibilidades de intervenções multidimensionais.

Divulgação

*Memoir of a Snail*

Divulgação

*Doraemon: Nobita's Earth Symphony*

Divulgação SSIFF

*O Sonho da Sultana*

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Como esperado, “Divertida Mente 2” bombou em sua chegada ao Brasil e lotou salas de exibição. No exterior, em sua estreia, o filme faturou em cerca de três dias o que muito candidato a blockbuster almejou para toda a sua carreira e não conseguiu: US\$ 295 milhões. Algo sugere que o maior sucesso de bilheteria do ano pode estar na área, levando-se em conta o fato de que o primeiro filme dessa franquia Disney teve uma receita de US\$ 859 milhões mundo afora. Agora, na produção dirigida por Kelsey Mann, a jovem Riley chega à aborrecência assolada por novas emoções, sendo a mais tensa delas a Ansiedade, interpretada nos EUA por Maya Hawke e dublada aqui por Tatá Werneck. Todo o êxito que o filme fizer se reverte em prol da indústria da animação, que firma seu espaço como um dos veios mais rentáveis do audiovisual. Conheça a seguir outros títulos animados que podem movimentar este ano.

“**MEMOIR OF A SNAIL**”, de **Adam Elliot**: O cineasta australiano ganhador do Oscar pelo curta “Harvie Krumpet” (2003) regressa aos holofotes do cinema animado ao conquistar o troféu Cristal, láurea máxima de Annecy (o maior festival do setor) com uma narrativa feita em stop-motion (técnica onde os objetos são fotografados quadro a quadro, dando sensação de movimento) sobre uma mulher melancólica que coleciona caracóis e porquinhos-da-índia num ambiente de solidão que vai sendo desafiado pelas intempéries da vida.

Reanimação

Sucesso de ‘Divertida Mente 2’ aquece a força da animação na indústria do audiovisual e dispara corrida por novos exemplares do setor

*A Arca de Noé*

Divulgação

Divulgação

*Flow**Meu Malvado Favorito 4*

Divulgação

“**MEU MALVADO FAVORITO 4**”, de **Chris Renaud e Patrick Delage**: Eis o que pode ser o maior rival de “Divertida Mente 2”, dada a fama que os Minions têm na cultura pop. Na trama, a família de Gru (dublado por Leandro Hassum) está maior. O bebê Gru Jr. chegou. O menino é uma pestinha que se diverte com suas

maquinações para atormentar seu pai. Mas a festinha familiar do adorável vilão pode estar com os dias contados uma vez que ele tem um novo par de adversários pela frente: Maxime Le Mal e sua namorada Valentina.

“**DORAEMON: NOBITA'S EARTH SYMPHONY**”, de

Kazuaki Imai (Japão): Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso, consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática pode voltar ao festival com a saga do gato robótico, chamado Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um es-

tudante desastrado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

“**FLOW**”, de **Gints Zilbalodis**: Nesta aventura metafísica vinda de Letônia, uma nova Arca de Noé – mas sem elementos místicos – salva um bando de animais de um dilúvio, num futuro distópico sem humanos. Um gato, o protagonista, terá que lidar com o resto da bicharada para chegar a um lugar seguro... em paz.

“**O SONHO DA SULTANA**”, de **Isabel Herguera**: Indicado à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, o filme, de direção de arte estonteante, parte de um conto sci-fi indiano de 1905 sobre uma nação utópica chamada Ladyland, onde as mulheres estão no Poder.

“**A ARCA DE NOÉ**”, de **Sérgio Machado (Brasil)**: Produzido por Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moares, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e Marcelo Adnet) lutam para escapar do dilúvio.

“**PASHMINA**”, de **Gurinder Chadha (Reino Unido)**: Nascida no Quênia, a cineasta inglesa de origem indiana aposta na linguagem de animação para narrar o périplo de uma adolescente pra descobrir sua ancestralidade a partir de um cachecol.

Escrito por um neurocirurgião, espetáculo 'Maio, antes que você me esqueça' aborda a relação de um filho com o pai que sofre de Alzheimer

Após temporada no Teatro Fashion Mall, "Maio, antes que você me esqueça" continua em cartaz na cidade. O espetáculo tem novas apresentações no Teatro Solar de Botafogo, até de 20 de julho.

Helio (Ilvio Amaral), que está acometido pelo Alzheimer, precisa passar um fim de semana na casa do filho Mauro (Maurício Canguçu), com quem sempre manteve uma relação distante. Mauro tem uma irmã, que é quem cuida de fato do pai, e um irmão que mora longe e nunca aparece. Durante esses dias juntos, enfrentando estranhamentos e revivendo episódios do passado, pai e filho se redescobrem e ressignificam seus afetos e memórias.

Jair Raso, que assina a direção e o texto, é neurocirurgião além de dramaturgo. O conhecimento teórico e prático que possui deu ao diretor a capacidade de navegar pelo tema também no palco, onde pai e filho, interpretados por Ilvio Amaral e Maurício Canguçu, redescobrem seus afetos entre memórias, lapsos e ressentimentos.

"Uma doença crônica e grave como é a doença de Alzheimer pode ser também uma oportunidade para se rever relações de afeto dentro de uma família. Afinal, a doença não afeta só o paciente, mas todo o seu entorno e todas as

Enfrentando o distanciamento



O dramaturgo Jair Raso define o espetáculo: 'A peça é um drama que aborda o assunto em várias de suas facetas. Vai do riso à tensão conflituosa e violenta até a delicadeza da expressão do afeto'

suas relações", reflete Jair.

Como neurocirurgião, Raso lida com o diagnóstico do Alzheimer e de outras demências. Como dramaturgo, enxerga nos palcos a possibilidade de traduzir o impacto da doença nas relações interpessoais de uma maneira que, além de científica, é sensível.

"Presencio na clínica muitos desses dramas familiares que são a base inspiradora para escrever o texto. A fragilidade provocada por uma doença pode facilitar a aproximação e a manifestação de amor e afeto. No caso da peça, acompanhamos o afeto entre um filho e seu pai", observa o diretor e autor.

O texto de "Maio, antes que

você me esqueça" se preocupa em retratar a variedade de emoções que podem ser causadas pelo processo do Alzheimer.

"A peça é um drama que aborda o assunto em várias de suas facetas. Vai do riso à tensão conflituosa e violenta até a delicadeza da expressão do afeto", adianta Raso.

O espetáculo teve sua estreia nacional em novembro de 2020 em Fortaleza, Ceará, na Mostra de Teatro Transcendental. Depois, seguiu para temporadas em Belo Horizonte, e apresentações em várias cidades do interior de Minas Gerais. Também participou da reinauguração da Casa da Ópera em Ouro Preto, do Festival de Teatro, da Mostra

Tiradentes em Cena, da Mostra do Teatro Brasileiro, no Cine Teatro Brasil Vallourec, em Belo Horizonte, cidade sede da Cangaral Produções Artísticas, fundada por Ilvio e Maurício, que formam o elenco. A produtora é responsável pelo sucesso "Acredite, um espírito baixou em mim", com direção de Sandra Pêra, que já levou mais de 3 milhões de pessoas ao teatro em 26 anos de circulação.

Em seu quarto ano, "Maio, antes que você me esqueça" também já colhe os frutos do impacto que causa no público. A peça, para o diretor e neurocirurgião, é um trabalho artístico e de conscientização.

"Conhecer mais sobre o as-

sunto ajuda a enfrentar a visão negativa, que pode ser o principal obstáculo para se lidar com a doença. Enfrentando o estigma, é possível encorajar as pessoas a procurarem por mais informações, orientações e a encontrarem ajuda. Por esse motivo, um espetáculo que abre a discussão sobre um tema tão urgente é importante", acredita o dramaturgo.

SERVIÇO

MAIO, ANTES QUE VOCÊ ME ESQUEÇA
teatro Solar de Botafogo
(Rua General Polidoro, 180 - Botafogo)
Até 20/7, às sextas e sábados (20h) | gressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Linguagens corporais exploradas

Cia Talvez, do Equador, se apresenta pela primeira vez no país e oferece oficinas gratuitas sobre suas técnicas

Com 15 anos de trajetória, a companhia equatoriana de dança Talvez faz a sua estreia no Brasil, com a promessa de instigar o público a participar ativamente de suas atividades entre os dias 26 e 30.

A proposta do grupo, dirigido pela coreógrafa Marcela Correa, é explorar as linguagens da improvisação a partir de obras que buscam construir plataformas interativas multidisciplinares com os espectadores, que se envolvem emocionalmente e sensorialmente com as criações.

Nesta temporada carioca, a Cia Talvez vai apresentar o espetáculo “Ouroboros” (29 e 30/6), a desmontagem crítica de “Ouroboros” (26/6), a performance itinerante “Do trajeto ao ato: aparições instantâneas” (27/6) e vai oferecer a oficina Escuta Corporal para Improvisação Cênica (27/6). Todas as atividades são gratuitas.

A programação inaugura o novo projeto do selo artístico Celeiro Moebius, o Encruzilhadas Latinoamericanas, que propõe um intercâmbio de artistas da dança, da performance e do teatro que tenham uma implicação ética-estética-política com a produção artística na América Latina.

A iniciativa do selo tem concepção e direção da bailarina, coreógrafa e pesquisadora-docente das artes cênicas Aline Bernardi, que deseja fomentar uma rede de troca de saberes, fortalecendo os cruzamentos e os encontros entre artistas latino-americanas/os.

“A Cia Talvez comemora 15 anos de trabalho investigativo em linguagens do corpo, do movimento e da cena. Nessa trajetória, definimos duas linhas de investigação: a escuta corporal como linguagem cênica e a resignificação da relação performer/espectador. Com nosso trabalho consolidado no Equador como um grupo experimental e inovador, pro-



Divulgação

Em ‘Ouroboros’, há uma paisagem em círculo contínuo: intérpretes/performers repetem um caminho que não leva a lugar algum, desenhando um círculo sem fim

curamos agora levar nossa pesquisa para outros países da América Latina: como nossa proposta se insere em outras realidades culturais e artísticas? Quais serão as leituras da nossa encenação face a diferentes compreensões do trabalho corporal e da dança? Como nossas perspectivas de pesquisa mudarão à medida em que mergulharmos em outros círculos artísticos,

diante de públicos com outras compreensões do mundo e da arte?”, indaga a coreógrafa Marcela Correa.

“Ouroboros” questiona a aparentemente interminável busca humana por fazer/produzir/progredir/projetar/criar atos em que cada um de seus indivíduos parece se envolver vorazmente e sem reflexão. Criado na linguagem da improvisa-



ção, a obra reflete sobre o fato de a humanidade insistir em encontrar algo para se projetar, para se agarrar, talvez. Quais são os objetivos individuais e coletivos para os quais a humanidade está se projetando com uma velocidade cada vez mais vertiginosa? A busca interminável por algo chamado progresso? Para onde acreditamos estar indo, não apenas como humanidade em sua complexa interconexão, mas também como seres singulares? Por que, nesse avanço cada vez mais frenético, foi estabelecida uma distância com todos os outros seres vivos do planeta, tal qual uma distância entre pessoas?

Em “Ouroboros”, há uma paisagem em círculo contínuo na qual intérpretes/performers repetem um caminho que não leva a lugar algum, desenhando um círculo sem fim. O público é convidado a se virar na direção oposta à das/os artistas, se envolvendo, de forma perceptível e imperceptível, com o ritmo, as ações e os sentimentos das/os intérpretes.

SERVIÇO

CIA TALVEZ

2/6, das 9h às 12h: Desmontagem crítica do espetáculo Ouroboros - UFRJ (Campus Fundão - CCMN - Auditório Cema - Av. Athos da Silveira Ramos, 274, Bloco F).

27/6, das 10h às 13h: Oficina Escuta Corporal para Improvisação Cênica - Centro Coreográfico (Rua José Higino, 115 - Tijuca)

27/6, às 16h: Performance itinerante “Do trajeto ao ato: aparições instantâneas” (ponto de encontro para o início: porta do Forte de Copacabana, às 15h45)

29 e 30/6: às 19h (sab) e 18h (dom), no Centro Coreográfico (Rua José Higino, 115 - Tijuca)

Ingressos: gratuitos

Vem aí!!

PRÊMIO
SABORES
DA
orla
7ª EDIÇÃO - 2024

O maior festival de gastronomia praiana do Brasil

de 01 a 31 de julho

Esse ano teremos 06 categorias!

Prato principal • Aperitivo • Sanduíche
Pastel • Sobremesa • Caipi das caipis

Saiba mais em orlario.com.vc

Realização: **orlariv**
PRA VOLTAR, COM VOLTAR